

LGBTFOBIA, EVASÃO NO ENSINO E IMPLICAÇÕES COM A EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS

LGBTPHOBIA, TEACHING DROPOUT AND IMPLICATIONS FOR SCIENCE EDUCATION

Priscylla Helena Alencar Falcão Sobral

Universidade de Pernambuco- UPE
priufalcao@gmail.com

Rochele Quadros Loguércio

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
rochelel@gmail.com

Resumo

Este estudo propõe reflexões teóricas sobre a problemática da violência LGBTfóbica, sua relação com a evasão no ensino superior e intersecções com a educação em ciências. Para tanto, fundamenta-se nas teorizações de Michel Foucault sobre sexualidade e os mecanismos de poder que a atravessam. A presença de pessoas não heteronormativas nos ambientes de ensino expõe práticas pedagógicas de inferiorização e disciplinarização. Ao considerar a sexualidade e o gênero como variáveis cujas diferenças demarcam processos de exclusão e de violência no território acadêmico, percebe-se que estes atuam como fatores intrínsecos às condições de permanência no ensino. O ambiente universitário é um lugar de reafirmação de hierarquias e reprodução de violências que atravessam as expressões da sexualidade e as relações de gênero e a Educação em Ciências tem atuado reprodutora dessas significações excludentes, lógica que precisa ser exposta e desestabilizada a fim de mudar a situação de exclusão destas pessoas.

Palavras chave: diversidade de gênero, políticas inclusivas de gênero, violência de gênero, evasão no ensino.

Abstract

This study proposes theoretical reflections on the issue of LGBTphobic violence and its relationship with dropout in higher education and its relationship with science education. Therefore, it is based on Michel Foucault's theories about sexuality and the power mechanisms that permeate it. The presence of non-heteronormative people in teaching environments exposes pedagogical practices of inferiority and disciplining. When considering sexuality and gender as variables whose differences demarcate processes of exclusion and violence in the academic territory, it is clear that they act as intrinsic factors to the conditions of permanence in education. The university environment is a place of reaffirmation of hierarchies and reproduction of

violence that cross the expressions of sexuality and gender relations and Science Education has acted as a reproducer of these excluding meanings, a logic that needs to be exposed and destabilized in order to change the situation exclusion of these people.

Key words: gender diversity, gender-inclusive policies, gender-based violence, student dropouts.

Introdução

Este estudo problematiza a violência LGBTfóbica nos espaços de formação acadêmica, ampliando a visibilidade das maquinarias que a produzem, seus efeitos e seus atravessamentos com a Educação em Ciências. Historicamente, o ensino das questões sobre a sexualidade e o corpo tem sido atribuído às disciplinas do ensino em ciências, com ênfase sobre conceitos e distinções fisiológicas, anatômicas e reprodutivas orientadas pela lógica binária feminino/masculino. Desconsidera, dessa forma, a constituição histórica e social na construção dos gêneros e das sexualidades, que tem nos espaços de educação um potente lócus para articulação de existências que desafiam a lógica normativa de construção do conhecimento científico (COELHO; CAMPOS, 2015).

As discussões sobre as chamadas perspectivas da diferença e os corpos políticos invadem o currículo como um todo, mas ocupam um lugar de destaque na educação em ciências que insiste em tomar o corpo como neutro, esvaziado de sentido social e histórico e interpelado como se *in vitro* fosse. Destituída de sentido, a educação sobre os corpos, as sexualidades e os gêneros encontra no ensino em ciências, conforme afirmam Coelho e Campos (2015, p. 899), um reprodutor do heterossexismo, da homofobia e de significações excludentes relacionadas ao gênero.

Os sentidos atribuídos a estas questões ao longo da educação científica atendem a interesses dominantes cujas estruturas modelam relações de poder com efeitos reguladores sobre os corpos, as sexualidades, as atitudes e os significados. Esses efeitos atuam de forma estratégica e se materializam em crenças e normas que atuam no controle das pessoas, impedindo-as de perceber as injustiças a que estão sujeitas (MARIUZZO, 2003). Esse sistema de controle está presente nos diferentes espaços sociais e indicam o que é desviante e o que é normal, contribuindo para o não reconhecimento da diversidade sexual enquanto legítima e para as articulações de poder que levam a situações de opressão e violência.

Nos ambientes acadêmicos, as manifestações de preconceito com base na orientação sexual e na diversidade de gênero tem assumido expressões cada vez mais sutis e simbólicas. As motivações que desencadeiam essa discriminação estão associadas ao sexismo e a visões tradicionais e estereotipadas das expressões de gênero e sabe-se que ambientes hostis e homofóbicos produzem efeitos como isolamento e risco de abandono escolar (CARVALHO et al., 2017).

Para pensar estas questões, perspectivamos o olhar sobre a violência contra os grupos LGBTQIA+ a partir dos estudos de Michel Foucault sobre a sexualidade, que inspiram estudos queer em dois pontos principais: a problematização do corpo, da sexualidade e do gênero como dispositivos históricos, constituídos por vontades de saber-poder-verdade; e a desnaturalização da sexualidade, situando-a como uma categoria construída das experiências históricas, sociais e culturais. Essa perspectiva nos ajuda a pensar as relações entre a violência motivada pelas diferenças de gênero nos espaços formativos, a evasão nos ambientes de ensino e seus atravessamentos com a Educação em Ciências.

Relações de poder, sexualidade e violência

Foucault discorre que as relações de poder se expressam nos mais diferentes cenários, sendo demarcadas pela disciplina e seus modos característicos de punição, demonstrando que as relações entre poder, direito e verdade são intrínsecas (FOUCAULT, 2008). A existência de uma ciência orientada pelo sistema hegemônico e heteronormativo, que produz uma forma específica de ser e existir no mundo, demanda sujeitos reguláveis e reguladores cujos efeitos se expressam nas formas como a sociedade se movimenta. Segundo Alfredo Veiga-Neto (2003), essas relações são tão complexas e interdependentes que, ao serem mobilizadas para interesses individuais, são responsáveis pelo estabelecimento do que se nomeia relações de força, distribuídas difusamente por todo tecido social.

Quando trazemos essa discussão para a área da sexualidade, observamos que uma multiplicidade de discursos sobre o sexo está sutilmente hierarquizada e estreitamente articulada em torno de um feixe de relações de poder. Neste, Michel Foucault (2007) situa a sexualidade como um dos elementos de maior instrumentalidade, que serve para articular as mais variadas estratégias para estimulação dos corpos, intensificação dos prazeres e reforço dos controles e das resistências.

Ele discorre sobre sexualidade como uma complexa estratégia de poder sobre a vida, um biopoder que investe na dimensão individual dos corpos e prazeres e no corpo-população de um determinado território. O filósofo (2000) também argumenta sobre a biopolítica, uma tecnologia de poder que produz e delimita os modos de ser e de existir, onde os processos de normalização passam do nível individual para o coletivo, deslocando a lógica do indivíduo para a população. A biopolítica avança nas definições das existências de uma população ao produzir processos de subjetivação homogêneos e normalizadores, que atuam nas engrenagens da produção de poder para que este avance, se ramifique, opere em novos territórios e mantenha as relações desiguais já existentes (CASSAL; BICALHO, 2011).

A violência motivada pelo gênero e pela sexualidade se tornou uma bandeira central para o ativismo e foi a partir disso que a expressão homofobia começou a ser usada para caracterizar esse tipo de violência (RAMOS; CARRARA, 2006). A agressão a uma pessoa opera, ao mesmo tempo, no sentido de tentar regular comportamentos e como estratégia de punição pelo exemplo àquelxs que transgridam.

Falar de homofobia significa falar de medo, um mecanismo de biopoder que reforça as identidades essencializadas, ao esvaziar o debate público e ao fortalecer um modelo de judicialização da vida e dos conflitos. O medo é produzido nas práticas cotidianas, por vezes justificando e legitimando políticas de repressão direcionadas a populações consideradas desviantes. Ele atravessa as construções de gênero e provoca um esvaziamento de espaços públicos, pois demarca os encontros, a circulação nos espaços e a existência em alguns territórios como perigosos e inadequados, um atravessamento muito potente na produção de modos de existir (BATISTA, 2003).

Nos territórios acadêmicos, as violências praticadas fundamentam-se justamente sob essa premissa, onde as práticas e jogos de poder acontecem para regular os corpos e comportamentos, expondo o caráter normalizador sob o qual o ensino, as interações acadêmicas e pessoais estão fundamentadas. Nesses espaços, são evidentes os efeitos do modelo hegemônico cisheteronormativo nas práticas de ensino de diferentes áreas da educação científica. A formação profissional sob tal referencial produz subjetividades despreparadas para lidar com a complexidade de demandas nos diferentes níveis do sistema educacional e pouco se percebe iniciativas para garantir o direito à educação equânime e sensível às questões de gênero para os grupos minoritários.

A violência LGBTfóbica no ensino superior e implicações com a Educação em Ciências

As pessoas LGBTQIA+ tem cada vez mais se inserido na sociedade, no entanto, o histórico marcado pelo preconceito e marginalização ainda faz com que tenham que lutar por direitos de cidadania básicos, como a educação (COELHO; CAMPOS, 2015). O acesso à educação universitária tem sido ampliado e a experiência empírica tem revelado que a existência dessas pessoas nos ambientes de formação concretiza-se como um ato de resistência política, simbólica e de representatividade de indivíduos que sempre foram mantidos à margem do acesso ao conhecimento científico.

Tomando as instituições de ensino superior como parte de uma maquinaria de produção dos sujeitos, entende-se que as práticas pedagógicas e o currículo que as orientam funcionam como aparatos de subjetivação, fabricando formas difusas de sujeição. Essas instituições produzem em seu cotidiano uma política de reconhecimento, uma visualidade normativa, estabelecendo, através da naturalização de suas práticas, uma inteligibilidade social que circunscreve universais, assim como produz formas de vidas precárias, não passíveis de luto e vítimas da violência (BUTLER, 2020).

Sabe-se que marcadores sociais de diferenciação atuantes nas universidades, como classe, raça, gênero, território e sexualidade, situam-na como lugares que não apenas reproduzem, mas atualizam desigualdades e hierarquias (NARDI et al., 2013) que retroalimentam as situações de violência manifestas em seu meio. Isso acontece de tal forma que a permanência de estudantes LGBTQIA+ nos espaços de educação tem sido perpassada por situações de opressão, discriminação e silenciamento (re)produzidas e atualizadas por valores e práticas que, através dos currículos, tem instituído a heterossexualidade como única possibilidade legítima de expressão (ALVES; SILVA, 2016).

Nas instituições de formação, a LGBTfobia manifesta-se nos materiais didáticos, nas concepções curriculares, nos conteúdos científicos e nas relações pedagógicas normalizadoras. A literatura indica que os *campi* universitários brasileiros são espaços com plena expansão dessa violência, evidenciando situações complexas que incluem trotes violentos, assédio sexual e moral, estupros, práticas de racismo e de homofobia, agressões físicas, uso de uma semântica violenta e até mesmo homicídios (BANDEIRA, 2017).

Quando refletimos a presença de pessoas LGBTQIA+ nos espaços de educação, naturalmente a universidade deveria ser pensada como importante interlocutora do acesso e da produção do conhecimento científico sem distinção entre as pessoas. Contudo, a resistência em conceber o ensino científico também como direito dessas minorias e em incluir a perspectiva de gênero e diversidade nos currículos, diretrizes e políticas educacionais ainda é um desafio. Nessa perspectiva, o ensino em ciências se ausenta de cumprir seu papel político de desmontar tais resistências, e termina por negligenciar as questões de gênero (MARTINS; LOPES, 2017).

Por outro lado, a educação científica pode atuar no sentido oposto, contribuindo significativamente nas reflexões sobre as questões de gênero, já que também reflete como ocorre a produção dos saberes, dos usos e das formas de atuação da Ciência (SILVA, 2006). Além disso, é fundamental para a transformação social e para a eliminação das desigualdades de gênero pois, para participar das discussões e tomar decisões, as pessoas devem ter condições de arbitrar sobre o processo científico e os impactos de sua produção (ALMEIDA; FRANZOLIN, 2017).

LGBTfobia e a problemática da evasão

Ao considerar o gênero como uma variável cujas diferenças demarcam processos de exclusão e de violência nos espaços acadêmicos, a identidade e a orientação sexual constituem-se fatores intrínsecos às condições de permanência no ensino, podendo a violência ampliar os riscos de abandono (ALVES; SILVA, 2016). Sobretudo pela expressividade que a LGBTfobia vem ganhando, com repercussões psíquicas, educacionais e sociais irreparáveis, a permanência nos espaços educacionais tem sido ameaçada (FERREIRA; FERREIRA, 2015).

Em 2016, a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – ABGLT- divulgou relatório sobre as experiências de adolescentes e jovens LGBT em ambientes educacionais brasileiros, tendo escolas como locus de investigação em todo o país. Os resultados evidenciam que 60% dxs estudantes se sentiam insegurxs na escola por causa de sua orientação sexual e 43% se sentiam insegurxs por causa de sua identidade/expressão de gênero. Outra importante constatação foi que 27% dxs estudantes LGBT foram agredidxs fisicamente por causa de sua orientação sexual, outros 25% foram agredidxs fisicamente na escola por causa de sua identidade/expressão de gênero, enquanto 56% dessxs estudantes foram assediadxs sexualmente na escola. O relatório ainda alerta que estudantes tinham duas vezes mais probabilidade de ter faltado à escola no último mês se sofreram níveis mais elevados de agressão relacionada à sua orientação sexual ou expressão de gênero.

No ensino superior em ciências, destacamos a pesquisa de Daitx, Loguercio e Strack (2016) que investigou os fenômenos da evasão e da retenção no curso de Licenciatura em Química da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). No estudo, a evasão aparece associada a determinantes de infraestrutura, tipo de acolhimento recebido pelx alunx e fatores intrínsecos ao curso. No entanto, sem desmerecer sua relevância, assim como outros estudos, não amplia a discussão sobre outros fatores interferentes como o peso que a LGBTfobia tem nos processos de evasão em campos de conhecimento em que os níveis de abandono são alarmantes.

Outro relatório que deixa a desejar nesse sentido, é o Censo da Educação Superior no Brasil (2017), que identifica as altas taxas de desistência dos estudantes que ingressaram nas Licenciaturas em Pedagogia (41,7%), Química (55,4%), Matemática (55,6%), e Física (62,2%) (INEP, 2019). Neste, o fenômeno da evasão é estudado com ênfase nos fatores financeiros, materiais e curriculares seguindo a mesma lógica que não explora suficientemente as ligações com as violências e as questões de sexualidade e gênero.

Nos estudos de Educação em Ciências, ainda são insuficientes as investigações sobre as problemáticas de gênero, a produção de violências e suas implicações para a formação científica de grupos minoritários como o LGBTQIA+. Com isso, chama-se atenção para a necessidade de explorar essas ligações e suas influências para a desistência no ensino superior. É necessário ultrapassar a materialidade estrutural, física e acadêmica e enxergar as subjetividades e os fatores relacionais imbricados nas relações de poder que ditam a existência dos distintos grupos nos espaços de educação e limitam o acesso à educação científica apenas a uma minoria privilegiada que atende aos padrões dominantes.

Considerações finais

A partir das considerações teóricas apresentadas, foi possível refletir sobre a violência LGBTfóbica e como produz efeitos diretamente relacionados com o que Foucault nomeou tecnologias de poder. Essas relações de força sobre a sexualidade têm seu ponto de apoio individual (biopoder) ou coletivo (biopolítica) em mecanismos disciplinares que compreendem

elementos discursivos e não discursivos que operam constantemente no sentido de regular as ações, as existências e os comportamentos dos indivíduos nos mais distintos lugares.

Vimos que o ambiente universitário é um lugar de reafirmação de hierarquias e reprodução de violências que atravessam as expressões da sexualidade e as relações de gênero e apontamentos de que a Educação em Ciências tem atuado como reprodutora do heterossexismo, da homofobia e de significações excludentes relacionadas ao gênero. Esse território produz e reproduz estratégias de controle da sexualidade e das performances de gênero, de tal forma que as tecnologias de poder retroalimentam práticas de violência e discriminação voltadas à eliminação de corpos indisciplinados e servem ao ideal científico dominante.

Os níveis de desistência de pessoas que ingressam no nível superior são alarmantes, no entanto, até o momento inexistem evidências científicas que atestem o peso que a LGBTFobia tem nos processos de evasão e a magnitude do problema. Essa é uma questão que necessita urgentemente ser levantada e mapeada, pois dar visibilidade às violências recorrentes sofridas por pessoas LGBTQ+ nos espaços acadêmicos significa desestabilizar as concepções vigentes e expor fissuras presentes nas estruturas institucionais e sociais. É também um chamado às comunidades científicas, acadêmicas e sociais à responsabilidade de fomentar políticas educacionais e ações de enfrentamento que ajudem a desconstruir práticas que reafirmam e contribuem para a situação de exclusão destas pessoas.

Referências

ALVES, Rita de Cássia Dias Pereira; SILVA, Elder Luan dos Santos. Universidade, gênero e sexualidade: experiências curriculares e formativas de estudantes não heterossexuais na UFRB. **GÊNERO**, Niterói, v.17, n.1, p. 83-98, 2016.

ALMEIDA, Ester Aparecida El; FRANZOLIN, Fernanda. A educação em Ciências e a perspectiva de gênero. **Anais do XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC**- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC – 3 a 6 de julho de 2017.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (ABGLT). Secretaria de Educação. **Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015**: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: ABGLT, 2016.

BANDEIRA, Lourdes Maria. Trotes, assédios e violência sexual nos *campi* universitários no Brasil. **GÊNERO**, Niterói, v.17, n.2, p. 49-79, 2017.

BATISTA, Vera Malaguti. **O medo na cidade do Rio de Janeiro**: dois tempos de uma história. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

BUTLER, Judith **Vida precária**: os poderes do luto e da violência. 1 ed.; 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

CARVALHO, Cristiana Pereira; PINHEIRO, Maria do Rosário Moura; MARTINS, Daniela Lopes; SIMÕES, Ana Filipa; MACEIRAS, Maria de Jesus. Atitudes face à homossexualidade: uma proposta de avaliação para a intervenção socioeducativa. **Itinerarius Reflectionis**, Goiás, v. 13, 2017.

- CASSAL, Luan Carpes Barros; BICALHO, Pedro Paulo Gastalho de. Homofobia e sexualidade: o medo como estratégia de biopoder. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 10, n. 2, 2011.
- COELHO, Leandro Jorge; CAMPOS, Luciana Maria Lunardi. Diversidade sexual e ensino de ciências: buscando sentidos. **Ciênc. Educ.**, Bauru, v. 21, n. 4, p. 893-910, 2015.
- DAITX, André Cristo; LOGUERCIO, Rochele de Quadros; STRACK, Ricardo. Evasão e retenção escolar no curso de licenciatura em química do Instituto de Química da UFRGS. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 21, n. 2, pp. 153-178, 2016.
- FERREIRA, Cristiano Cavalcante; FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde. Vivências escolares de jovens homossexuais afeminados: estratégias de resistência e permanência. **Tópicos Educacionais**, Recife, v.21, n.2, P. 103- 138, jul/dez, 2015.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: Curso no Collège de France (1975-1976), (trad. de Maria Ermantina Galvão). São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade, V.1**: A vontade de saber. Graal ed. Rio de Janeiro: 2007.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 35.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Resumo técnico do Censo da Educação Superior 2017** [recurso eletrônico]. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2019.
- MARIUZZO, T. **Formação de professores em orientação sexual**: a sexualidade que está sendo ensinada nas nossas escolas. 2003. 227 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2003.
- MARTINS, Luiz Guilherme; LOPES, Nataly. Gênero: Questão Sociocientífica no Ensino de Ciências. **Anais do XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC**- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC – 3 a 6 de julho de 2017.
- NARDI, Henrique Caetano; MACHADO, Paula Sandrine; MACHADO, Frederico Viana; ZENEVICH, Letícia. O “armário” da universidade: o silêncio institucional e a violência, entre espetacularização e a vivência cotidiana dos preconceitos sexuais e de gênero. **Teoria e Sociedade**, nº 21.2, p. 179-200, jul-dez, 2013.
- RAMOS, Silvia; CARRARA, Sérgio. A constituição da problemática da violência contra homossexuais: a articulação entre ativismo e academia na elaboração de políticas públicas. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 185-205, 2006.
- SILVA, Cibelle Celestino (Org.). **Estudos de História e Filosofia das Ciências**: subsídios para aplicação no ensino. São Paulo: Livraria da Física, 2006.
- VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.